

UTILIZANDO O FILME “300” EM SALA DE AULA¹

Ana Lucia Silvério Caparelli (PDE-2008)²

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo, demonstrar o trabalho com o filme “300” em sala de aula, como fonte histórica, considerando passo a passo todas as atividades desenvolvidas neste processo, como análise de textos, questionário de conhecimento prévio, exibição do filme, debates e atividades de metacognição. Os conceitos históricos discutidos aqui foram: Etnocentrismo, Orientalismo e Gênero.

Palavras chave: filme 300; etnocentrismo; gênero.

SUMMARY:

The present article has as objective demonstrate work the film "300" in classroom, as historical source, considering step by step all of the activities developed in this process, as it analyzes of texts, questionnaire of previous knowledge, exhibition of the film, debates and metacognition activities. The historical concepts discussed here were: Ethnocentrism, Orientalism and Gender.

Keywords: film 300; ethnocentrism; gender.

¹ Artigo apresentado como requisito para a conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, realizado em parceria com a Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Prof^a Dr^a Márcia Elisa Teté Ramos.

² Graduada em História, pela Universidade Estadual de Londrina, especialista em “Didática e metodologia de ensino” pela UNIFIL e Professora QPM (Quadro próprio do magistério), da rede Estadual de Educação. E-mail: analuhist@seed.pr.gov.br

INTRODUÇÃO

Trabalhar com cinema em sala de aula envolve uma série de requisitos que muitas vezes passam despercebidos pelo educador no seu cotidiano. Levando-se em conta que os novos meios tecnológicos estão cada vez mais acessíveis, pretendo neste trabalho mostrar um caminho utilizado para análise em sala de aula do filme “300”, (USA, 2007, 117min)³ adaptação de uma história em quadrinhos do escritor e desenhista Frank Miller publicada em 1999 Editora Abril.

Como são poucos os materiais didáticos, mesmo os filmes sobre História Antiga, especificamente Grécia, e batalha de Termópilas, trabalhar um filme sobre o assunto é uma estratégia para tornar o conteúdo, muitas vezes considerado “maçante” para alunos nesta faixa etária, mais atraente.

Em uma sociedade permeada pelo audiovisual, divulgado através de aparatos técnicos cada vez mais sofisticados (NAPOLITANO, 2006, p. 235), presumindo que os alunos se habituaram a construir seus saberes através desse tipo de material.

No entanto, não apenas o aspecto lúdico foi considerado em nosso trabalho, mas também o entendimento do filme como documento histórico, ou seja, como material que possibilita o “fazer histórico” por configurar-se em um registro do que determinado grupo pensou, sobre como seria determinado momento histórico.

Cabe ao professor explorar este recurso tão acessível que é o cinema e dar um novo significado a ele. A História que Heródoto criou há quase três mil anos continua tocando as pessoas de hoje e o filme “300” comprova isto.

O filme teve um grande impacto provocado pela mídia, assim devemos aproveitar a familiaridade que o aluno tem com o cinema - que muitas vezes por falta de tempo ou outros obstáculos deixamos de utilizá-lo - e aproximá-lo dos assuntos do dia a dia, e também dos conteúdos disciplinares, no caso, da história.

³ Em diante, apenas nos reportaremos ao filme em questão como o filme “300”, sem referência.

O objetivo deste trabalho é mostrar os resultados e como foi realizada a aplicação deste filme em sala de aula, relacionando o passado com temas do presente e/ou com conceitos históricos como: Etnocentrismo, Orientalismo e Gênero e Educação.

DESENVOLVIMENTO

Os Documentários e os filmes que retratam uma época são geralmente escolhidos pelos professores de história como complemento e/ou confirmação dos conteúdos de aulas expositivas, mas hoje se admite que a imagem não ilustra ou reproduz a realidade, mas “a constrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico” (SALIBA, 2004, p. 119). O desafio aqui é “olhar” o cinema, priorizando o pressuposto que esse é um documento histórico que muitas vezes passa despercebidos enquanto tal. Outro problema recorrente ocorre principalmente em relação aos documentos históricos ou aos filmes que se propõem a mostrar a história, pois estes são vistos como, Atualmente ainda existem historiadores que ainda refutam a utilização de um filme como fonte documental de pesquisa, e priorizam o documento escrito, tendo este como uma “verdade histórica”.

Por um lado, as fontes audiovisuais (cinema, televisão e registros sonoros em geral) são consideradas por alguns, tradicional e erroneamente, testemunhos quase diretos e objetivos da história, de alto poder ilustrativo, sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental, qual seja, o registro direto de eventos e personagens históricos. Por outro lado as fontes audiovisuais de natureza assumidamente artística (filmes de ficção, teledramaturgia, canções e peças musicais) são percebidas muitas vezes sob o estigma da subjetividade absoluta, impressões estéticas de fatos sociais objetivos que olhes são exteriores (NAPOLITANO, 2006, p.236)

Desde o início do século passado, a noção de documento histórico foi ampliada, consistindo em todo tipo de registro humano, e esse registro não serve para resgatar a história tal como aconteceu, mas para traçar reflexões sobre possibilidades de como os homens e as mulheres pensavam, agiam e viviam determinado período histórico.

A imagem constitui em representação, esta representação, pode não necessariamente estar reproduzindo o que vê. Nem mesmo a fotografia é

captação total da realidade, as intenções previamente estabelecidas pelo fotografado pode estar estereotipada (SALIBA, 2004). Tanto professores como alunos por vezes pressupõem que um filme histórico reflete com fidelidade os acontecimentos históricos, esquecendo-se que na realização de um filme encontramos vários aspectos a serem considerados, como a influencia da direção e produção, por exemplo, e devemos lembrar ainda que as pessoas envolvidas com a produção cinematográfica não são historiadores, ou educadores. Portanto, durante a produção de um filme histórico os envolvidos tanto não pensaram em elaborar historiografia como não objetivaram sua utilização em sala de aula. E mesmo se um historiador produzisse um filme histórico, revelaria sua versão, sua interpretação, e seu filme também seria produto de uma era histórica. Devemos levar em conta que: “Um filme que tem uma temática aparentemente centrada no passado, fala muito mais do presente” (FERRO, 1992, p. 199-215.)

Nenhum gênero fílmico é objetivo, e a realidade apresentada é fruto de uma seleção e de um controle prévio. E quando se trata de cinema devemos levar em consideração vários fatores como: a interferência da censura, dos produtores, dos patrocinadores e de outros eventuais grupos de pressão envolvidos na produção de cada filme, como por exemplo, o próprio público, já que geralmente se faz prévia pesquisa de opinião pública e/ou de mercado para prever, para buscar moldar, a receptividade. Assim, nossa perspectiva é de que o filme não pode ser visto como capaz de reproduzir a realidade, bem como, não pode ser definido apenas como arte acima do contexto histórico que a produziu, pois existe a

...necessidade de articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu “conteúdo narrativo” propriamente dito) (NAPOLITANO, 2006, p. 237).

Segundo esta abordagem, o valor do filme para o historiador reside na sua capacidade não de retratar uma cultura, mas mostrar uma versão dela e dirigir-se a uma audiência na condição de meio de intervenção social e de transmissor de posturas políticas.

O professor não precisa ser um crítico profissional ou cinéfilo para utilizar um filme em suas aulas. Mas precisa “exercitar o olhar”, ver elementos subliminares que transmitem determinado “espírito de uma época”.

Um filme comercial, mesmo histórico, não tem a obrigação ou a finalidade de fidelidade histórica. Também o lazer como representação vinculada ao cinema não deve ser suprimida, desde que permaneça o objetivo de tornar o aluno um consumidor mais crítico, exigente e articulado.

O objetivo foi relacionar o passado com temas do presente através do filme, selecionando alguns temas como conceitos históricos:

- Etnocentrismo - a visão preconceituosa que se tem sobre a outra cultura, o estrangeiro, o estranho, tomando a si próprio e/ou a sua própria cultura como referência de melhor, mais correto, superior (SILVA, 2000, p. 56).
- Gênero – como é vista a relação entre gêneros, o que é considerado feminino ou masculino em dada cultura, quais são os papéis ou funções atribuídas ao homem e à mulher em determinado contexto histórico. Ultrapassa a dimensão biológica do processo de diferenciação entre os sexos (Idem, p.63). No filme em questão, como a mulher é vista em dada sociedade, seu papel na sociedade, a comparação em relação ao homem. (coloquei isso porque a pesquisa sobre gênero não diz respeito apenas à mulher. Tem gente que analisa o homem)
- Orientalismo – noção do Ocidente construída historicamente para pesquisar, olhar, entender, perceber, refletir, analisar, justificar ou mesmo subjugar o Oriente (Idem, p. 85).
- Educação - qual o maior objetivo para o qual uma sociedade educa, qual o perfil humano que se quer formar pela escola ou pelos meios informais.

Alguns estereótipos ou clichês terminam se sobrepondo à realidade. Esses são produtos literários eruditos (como o capacete de chifre dos Vikings) e se perpetuam pela história, em quadrinhos e finalmente toma forma no cinema (LANGER, 2002). Ou seja, mitos, idéias, crenças, heróis, abarcam o imaginário social, e por sua vez, se sedimentam através do cinema, em movimento interdependente, bem como, posturas políticas, visão sobre a outra cultura, interesses econômicos, podem também ser entendidos como ideais se passados pelo cinema.

O poder de alcance do cinema, colabora para desenvolver um imaginário popular sobre a história, “O fenômeno do cinema cria uma outra história contra a qual os livros não podem muita coisa, se considerar o condicionamento da visão das massas” (NÓVOA, 1998. p. 105-116.). Assim, o cinema também pode ser utilizado por grupos dominantes para formar a opinião pública, para fomentar um pensamento sobre a história, sobre a política, para produzir certos sentimentos, perspectivas, desejos e projetos,

Notamos as várias possibilidades e leituras que aparentemente se trata do passado, mas tem uma ligação com o momento de sua realização, falando muito do presente, que pode estar carregado de intenções políticas... Por exemplo: modelos heróicos e patrióticos são encontrados em livros didáticos glorificando o sacrifício e heroísmo individual, e nos filmes, esta glorificação pode querer levar o espectador a amar sua pátria, ou legitimar alguma ação das instituições governamentais, como uma guerra.

Marc Ferro também chama a atenção para os elementos que ultrapassam as intenções de quem realizou e produziu o filme, pode parecer de ordem individual, mas esse indivíduo representa a ideologia de um grupo, que por sua vez está inserida na sociedade como um todo, ou seja, importam os contextos: social, econômico, político cultural e religioso de uma época. Seriam as “zonas ideológicas não visíveis da sociedade” (FERRO, 1992, p.84)

A representação da outra cultura é um aspecto a ser considerada na análise de um filme, a cultura ocidental tem características que são próprias desta civilização, como a oriental tem as suas, mas colocadas lado a lado no cinema, acaba mostrando uma perspectiva que põe em choque o que seriam

civilizações e culturas superiores e inferiores. Quem realizou o filme pode muito bem fazer isto de forma intencional ou não, sendo que de um modo ou de outro, torna-se imprescindível a figura do professor como mediador, como fomentador de reflexão crítica.

Em relação ao filme “300” o povo do Oriente é retratado como bárbaro, “do mal”, inferior. Seria uma luta do Oriente *versus* Ocidente, tanto no âmbito concreto como das idéias. Edward SAID (2007)⁴ trata do que conceituou como “Orientalismo” O modelo idealizado de Oriente construído, ao longo do tempo e em diferentes épocas.

A maioria dos relatos sobre o Oriente foram os ocidentais que construíram, atribuindo-lhes valores e características muitas vezes distorcidas que foram alimentadas por europeus e americanos utilizando vários recursos para atingir o maior número de pessoas possíveis. Em sua obra Said assenta a importância do Oriente para a cultura ocidental, entendendo que ambas poderiam enriquecer, em uma mútua contribuição, em suas articulações, interferências, negociações. No entanto, a tendência é representar o Oriente à margem de seus interesses, em uma relação permeada pelo poder, é o Ocidente confere características, vocações, atributos ao Oriente. Assim o orientalismo como diz Said, é alimentado pelo imaginário ocidental, e vários autores irão perpetuar estas características até mesmo no cinema como vemos atualmente no filme “300”.

O filme “300” não é um documentário com pretensões de reconstruir a história, mas, pelo que pesquisamos, não distorceu de forma absurda os acontecimentos que o inspiraram. Adaptação de uma história em quadrinhos de Frank Miller, “300” diz respeito a batalha de Termópilas, ocorrida em 480 a.C, entre Gregos e Persas, relatado anteriormente pelo historiador grego Heródoto (484-425 a. C) .

A batalha ficou famosa pelo heroísmo dos gregos, sobretudo pelo senso de dever e sacrifício coletivo pelo seu território, por valores políticos e

⁴ Esse autor, em geral é utilizado para buscar explicações sobre o tema, sendo que o conceito de “Orientalismo” é utilizado por muitos historiadores, o que também adotamos em nosso trabalho.

ideológicos. A sociedade espartana era altamente militarizada, sendo o serviço militar, um dever cívico desses cidadãos. Mas a sociedade grega não foi somente erguida em cima de grandes batalhas, foi também revolucionária, para a época e influenciou o mundo ocidental de forma significativa, em vários campos: no campo cultural quanto à literatura, arte e o teatro, na filosofia, nos fundamentos da ciência moderna, na política, com a democracia. (STRAUSS, 2007, p.110-135)

Foi um grego e não um persa que escreveu sobre as guerras médicas, segundo o historiador grego Heródoto, que relatou a história bem depois do acontecido. Um pequeno exército de gregos tentou impedir que um exército persa mais numeroso invadisse a Grécia, mesmo perdendo para os persas os gregos conseguem abrir caminho para a vitória.

Os persas eram do Oriente o império mais forte, donos de um imenso território que tempos depois é conquistado por Alexandre, o Grande, mas vem a se tornar concorrente dos romanos.

Na época da batalha de Termópilas, a Grécia estava dividida em pequenos Estados independentes ou cidades-estados, como: Atenas, Esparta e Tebas. A Pérsia, atual Irã, dominava um poderoso império no Oriente Médio, sob a liderança do rei Xerxes I e invadiram a Grécia para ampliar seu território.

Quando os gregos, (representantes do Ocidente), rumam às Termópilas (portões de fogo), que era uma passagem estreita entre as montanhas, por três dias, em 480 a.C, os espartanos e os outros gregos conseguiram deter os persas que sofreram perdas terríveis. Até a tropa de elite do exército persa denominada “os imortais”, foi repelida para desespero de Xerxes.

Elfiates, um grego, revelou aos persas a passagem secreta, com ela os persas conseguiram cercar os gregos. Leônidas tinha conhecimentos desse caminho, sabendo disto enviou mil soldados da Fócida com a missão de guardá-lo. Mas os Fócios recuam para outra linha de defesa, e os persas continuaram avançando ao encontro de Leônidas. Parte dos gregos diante do cerco persa foge ou recebe ordens para se retirar por Leônidas, mas Leônidas

permanece nas Termópilas com o que restava dos “300” espartanos, de setecentos soldados da Téspia e de quatrocentos de Tebas.

Possivelmente ficaram menos de mil gregos, que lutam com bravura. Na batalha morrem dois irmãos de Xerxes e outros membros da família real persa. Leônidas foi morto e seu corpo foi disputado por espartanos e persas. No final os espartanos formaram um bloco compacto de soldados e foram massacrados pelas flechas e dardos persas. Os Téspios também foram dizimados, os tebanos se rendem. Xerxes, que não participou diretamente dos combates e nem foi ferido, ordenou que a cabeça de Leônidas fosse cortada e seu corpo crucificado.

A invasão persa continuou depois dessa difícil vitória, na batalha de Termópilas. Atenas chegou a ser tomada e incendiada, mas seus habitantes tinham fugido antes da chegada dos persas. No entanto, em setembro de 480 a.C a frota persa de mil e duzentos navios foi destruída por uma esquadra grega com trezentos e oitenta navios, na batalha de Salamina, onde se destacaram os atenienses sob o comando de Temístocles.

Em 479 a.C., uma força de 80 mil gregos, sendo cinco mil espartanos, chefiados pelo rei espartano Pauânia, destroçou o exército persa de cem mil soldados na batalha de Platéia. Com as derrotas de Salamina e de Platéia, os persas fracassam. As cidades-estados continuaram livres. Xerxes foi assassinado na Pérsia por um dos seus ministros em 440 a.C, no reinado de Artaxerxes, sucessor de Xerxes, O corpo de Leônidas foi devolvido aos espartanos 40 anos depois de sua morte nas Termópilas⁵.

O filme “300” é um exemplo de como a tecnologia também tem sido utilizada para preservar o cânone orientalista.

⁵ Pelo menos dois espartanos sobreviveram à batalha de Termópilas: Pantifes e Aristodemus. Pantifes, tinha sido enviado por Leônidas a região da Tessália para recrutar mais soldados, antes da batalha começar. Ele fracassou e quando retornou para as Termópilas, a batalha, já havia terminado, e seus amigos estavam mortos. De volta a Esparta, foi desprezado por não ter participado do ato de heroísmo e se mata. Aristodemus e Euritos tinham ficado gravemente feridos nos olhos durante a batalha e Leônidas ordenou que ambos retornassem para Esparta. Euritos volta para Termópilas e morre em combate. Aristodemus retornou para sua cidade, mas como, Pantites. Essas informações foram retiradas de <http://educacao.uol.com.br/historia/ult1704u100.jhtm> (acessado em 02/07/2008)

Já nos anos 70, Said percebeu que um aspecto do mundo eletrônico pós-moderno é que houve um reforço dos estereótipos pelos quais o Oriente é visto. A televisão, os filmes e todos os recursos de mídia têm forçado as informações a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados. No que diz respeito, ao Oriente, a padronização e os estereótipos culturais intensificam o domínio da demonologia imaginativa e acadêmica do “misterioso Oriente” do século XIX (SAID, 2007 p.58).

Vemos bestas mitológicas a desfilar na tenda de Xerxes, do outro lado, reproduzidos por uma seleção eugenista, espartanos simétricos e olímpicos, referencial de beleza para os parâmetros ocidentais. Snyder (Diretor do filme “300”) transformou a batalha entre espartanos e persas, em um duelo, entre Ocidente, como “terra de liberdade”, e Oriente, “místico, tirano e escravagista”, os soldados de Leônidas, marcham pela liberdade, enfrentando resistência de seu conselho, como o presidente dos EUA, Bush ignora a resolução da ONU, além do fato que a Pérsia se localiza onde hoje é o Irã.

O filme “300”, personagens como Leônidas, Xerxes, a rainha Gorgo e Elfiades, existiram segundo fontes digitais pesquisadas⁶, mas existem personagens fictícios, alguns inspirados em figuras reais. Dilios foi baseado em Aristodemus, Stelios em Dieneces, que diante de ameaça dos persas lançarem sobre os gregos tantas flechas que elas tampariam o sol, teria dito, que assim seria melhor, pois “lutariam a sombra” . Daxos, o guerreiro árcade parece ter sido inspirado em Demófilo, embora no filme ele fugisse das Termópilas, para escapar do cerco persa. O capitão e seu filho Astinos, são fictícios, mas podem ter sido inspirados em dois irmãos: Alfeu e Marons, o vilão do filme o conselheiro espartano é Theron, um personagem fictício.

- Como afirmamos, não podemos exigir uma fidelidade a história, pois o filme é uma adaptação, uma interpretação. Contudo, consideramos que a faixa etária dos alunos com os quais trabalhamos costumam questionar os fatos após a exibição do filme. Além do que uma aula de história voltada para o trabalho do filme como documento histórico não pode prescindir do aspecto factual mesmo que o foco sejam as representações, o repertório simbólico.

⁶ www.wikipedia.org

Segundo o historiador britânico Paul Carledge o filme “300” é uma polarização extrema entre bandidos e mocinhos que distorce a situação real⁷.

O rei Xerxes tinha um visual completamente diferente do apresentado no filme (não é sem razão que o governo do Irã mostrou-se descontente com o personagem Xerxes), tinha bigode e barba, segundo o historiador Barry Strauss. E quando o soberano se apresentava em público, usava longo manto de cor púrpura, capas douradas, uma espada e diadema real. Xerxes também é representado como um deus, intocável num trono altíssimo para impor sua grandeza e provocar “medo” ao inimigo, e que não participa diretamente das batalhas, mas sabemos através de fontes que Xerxes, no mundo real, antes de invadir a Grécia teve uma carreira militar vitoriosa, derrotando, Egito e a Babilônia⁸. Sabemos também que muitas regiões da Ásia, sob seu domínio apresentaram estabilidade e paz⁶. (STRAUSS, 2007 p.110-135)

Não podemos esquecer o legado Persa para a posteridade, foram construtores de estradas e palácios, hotéis e até parques. Codificaram leis e criaram o primeiro sistema amplo de cunhagem de moedas.

Além da questão do Orientalismo, outros temas podem ser destacados, como a educação e a condição da mulher na época em que se passaria os eventos postos no filme.

Em relação á educação Espartana, não se sabe se o sistema conhecido como *agogué* (criação) em que os meninos aos sete anos eram tirados da mãe e passam por um rigoroso treinamento militar, já existia na época da batalha de Termópilas. Há indícios que ele surgiu tarde em Esparta, a única fonte escrita completa sobre isto pertence á Xenofonte, que escreve por volta do ano 400 a.C., que mostra que este tipo de treinamento só começava na adolescência. Contudo, as formas de educação entre Atenas e Esparta distinguiam-se já antes desde sistema. Enquanto a primeira se caracterizava pela *Paidéia*, que podemos definir como uma formação integral ou “formação livre e nutrida de experiências diversas, sociais, mas também culturais e antropológicas”

⁷ www.wikipedia.org

⁸ Encontram-se registros deixados por ele afirmando: “Sou capaz nas mãos e nos pés, como cavaleiro, sou bom cavaleiro. Como arqueiro, sou bom arqueiro, tanto a pé como a cavalo”. <http://br.librarything.com/author/cartledgepaul>

(CAMBI, 1999, p.82-83), a segunda, centrava no que se pode chamar de educação para a guerra, favorecendo-se os exercícios físicos, bem como “os vínculos de amizade” e “em particular a obediência”, com pouco espaço para o ensino de ler e de escrever (Idem, p. 83). Dessa forma, podemos afirmar que, se em Atenas, privilegiava-se a educação do “espírito”, inclusive valorizando-se a cultura musical e a cultura literária, em Esparta, a educação era voltada mais para o sentido prático.

Explorar essas diferenciações no aspecto educacional interessa na medida em que os alunos devem compreender que, conforme a sociedade, considerando tempo e lugar, concomitante à realidade econômica, social e cultural circundante, se configuram determinadas formas educacionais, para dar conta do perfil humano que se quer formar. Nesse item, podemos lançar a problemática: “Qual o tipo de pessoa a educação atual quer formar e porquê?”

A condição da mulher é um aspecto da cultura grega espartana que diferenciava das demais cidades gregas. A condição feminina em Esparta pode ser considerada melhor do que em outras cidades gregas, já que ela tinha um poder relativo, com possibilidade de opinar em questões políticas. Vale lembrar que as cidades-Estado gregas, são definidas pela idéia de cidadania, ou seja, como “comunidade constituída por uma pluralidade de pessoas juridicamente iguais” (REDFIELD, 1994, p. 155). No entanto, eram considerados cidadãos de pleno direito, apenas os homens adultos livres, sendo que as mulheres, as crianças e os escravos não eram considerados cidadãos. O lugar da mulher era em casa, era membro da família e não da cidade, ou seja, não tinham participação política. Porém, em Esparta, as mulheres “as mulheres, tinham posição de quase paridade em relação aos homens”, embora não fosse considerada propriamente uma “cidadã” (Idem, p. 158) e inclusive, participavam dos exercícios e competições atléticas para o treinamento de guerra (Idem, p. 163).

Essa diferenciação ente Esparta e a maioria das cidades-Estado nos serve ao propósito de tratar a questão da mulher na atualidade, mostrando que momentos históricos distintos, bem como espaços geográficos distintos,

produziram e produzem suas próprias formas de conceber a função social da mulher.

Existem várias possibilidades metodológicas para trabalhar o filme “300” em sala de aula, mas algumas questões prévias devem ser levantadas: Como trabalhar a Grécia Antiga, relacionando-a com temas históricos do presente? A que faixa etária e escolar o trabalho com esse filme é adequado? Que aspectos podem-se ressaltar no caso do filme? Quais valores morais e ideológicos que constituem a obra? Podemos analisar a história do filme e relacioná-los a conflitos mundiais em especial estadunidenses significativos para o momento? Como (re) elaborar a visão do aluno que tem o cinema unicamente como lazer e entretenimento? Como levar o aluno a ver um filme, como fonte importante para a construção do conhecimento histórico

Nosso estudo atinge alunos adolescentes, do 1º ano do ensino médio (faixa etária que entendemos como apropriada ao filme em questão)⁹. Na implementação deste projeto foram considerados os seguintes passos:

1º passo: Aulas expositivas sobre a Grécia, utilizando todo tipo de recursos disponibilizados na escola, como: leitura do livro didático, análise de documentos encontrados no mesmo. Análise da música “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque, onde discutimos o papel da mulher nas diferentes sociedades. Consideramos aspectos geográficos (localização por meio de mapa), culturais, religião, mitologia, definição de cidade-estado, democracia, tirania, oligarquia, etc. (Este processo levou três semanas).

2º passo: Foi elaborado um questionário de conhecimento prévio para os alunos responderem individualmente sobre o filme “300”. O questionário continha as seguintes perguntas:

- Você já assistiu o filme “300”?
- Você acha que o cinema pode ser utilizado como fonte histórica?

⁹ A escola onde o projeto foi desenvolvido está sob sistema “Bloco”, isto é, só temos dois bimestres para a disciplina de história, concentrando as aulas. Assim, de duas aulas semanais de história, passaram a ser quatro aulas, sendo duas geminadas, o que facilitou a realização deste trabalho.

- Você já ouviu falar ou sabe algum fato relacionado a: Xerxes, Leônidas , e a batalha de Termópilas?

Depois do questionário respondido – o que durou meia hora -, foi entregue dois textos sobre a história factual da batalha de Termópilas. (Anexo 1)

Nenhum dos alunos tinha ouvido falar da batalha de Termópilas, ou de personagens como Xerxes, Leônidas. Destes somente 10% assistiram ao filme, e estes 10% não sabiam que o filme retratava o conflito entre Gregos e Persas, que o conflito denomina-se batalha de Termópilas, esta é uma história verdadeira. Dos mesmos 10% que viram o filme anteriormente à discussão, as opiniões foram do tipo: “Este filme é muito legal professora!” Ou “Adorei o filme “300” é cheio de lutas, monstros...” Concluímos que daqueles que viram o filme, o fizeram como lazer e não o relacionaram com as aulas de história, ou com qualquer batalha da antiguidade.

3º passo: Fizemos leituras e debates sobre a batalha de Termópilas, utilizando textos para complementar o livro didático. O texto foi importante para esclarecer os alunos sobre a história do filme e estes viram como novidade a história que inspirou o filme “300”. Também se viram surpresos que o fato do cinema conseguir “reproduzir” estes fatos que se passaram antes de Cristo. A leitura do texto contribuiu para superar o aspecto de lazer vinculado ao filme. (Esta etapa foi realizada em duas aulas).

4º passo: Foi entregue a cada aluno a ficha técnica do filme, contendo ano de produção, direção, roteiro, música... (Anexo 2). Este passo é importante, para o aluno começar a ver o cinema como um trabalho, que tem toda uma elaboração anterior a exibição. Também foi destacado que se o aluno gosta de determinado filme, descobrir o seu diretor propicia procurar mais filmes do mesmo diretor e fazer comparações. Também é de suma importância considerar o ano em que o filme foi produzido, o que determinará a crítica do mesmo, bem como a comparação com outros filmes.

Nesta etapa, chamaram a atenção perguntas como: “Professora era assim naquela época?”, Tinha esses monstros? E “Como eles sabiam que era

assim?” Continuamos trabalhando conceitos como etnocentrismo, orientalismo, representação da outra cultura, etc., e gradualmente respondendo essas indagações.

O personagem disforme, que por vingança, trai os helenos, deve ser analisado como uma figura fictícia, mas que remete a um dos aspectos mais cruéis da cultura espartana: o abandono ou a morte das crianças portadoras de deformidades físicas, que não podiam se tornar soldados. Objetivamos, dessa forma, mostrar que um personagem ou cena pode ser ficção e/ou fantasiosa, mas que mesmo assim, fundamentam-se em representações, noções e fatos históricos (talvez fosse bom ver o nome desse personagem) Os alunos terminaram por comparar o abandono das crianças com genocídios, ou guerras do século XX.

Mostramos que a história do filme foi registrada por Heródoto em um livro escrito antes de Cristo e que o mesmo foi traduzido chegando até nós. Também que os roteiristas elaboraram a história conforme seus interesses, interpretações e concepções. A intenção foi apontar que a escrita da história não significa o retrato tal qual ela aconteceu, que existem vários tipos de escrita que se propõem a resgatar a história (e que o filme é uma dessas escritas) e, portanto, não existe a História verdadeira, mas versões da história.

5º passo: Nesta etapa passamos para a exibição integral do filme e discutida algumas questões relacionadas à linguagem cinematográfica, como roteiro, movimentos de câmera, enquadramento ou trilha sonora. Nesse momento, os alunos podem perceber como a técnica serve para o diretor transmitir emoções através da trilha sonora ou de um *close* em alguém ou em algum objeto. (Foram duas aulas e meia para exibição do filme, parando para um comentário ou detalhe histórico que chamasse a atenção ou que seria útil mais tarde).

6º passo: A próxima etapa foi o debate sobre o filme. Dúvidas de personagens e fatos históricos foram levantados (Esta etapa levou somente uma aula).

O que chamou a atenção dos alunos foram o vestuário e aparência “máscula” dos personagens, e aparência disforme de alguns personagens do lado Persa. Daí que se ressaltou que o filme é uma representação, e como tal,

é uma construção, uma visão de mundo pessoal e não “real”. Esta representação depende do contexto histórico em que teve origem. Porque não são absolutas, porque são construções históricas, tais representações podem ser interpretadas pelo aluno, ou seja, validadas ou refutadas.

7º passo: Nesta etapa foi utilizado o *data show*, quando foram apresentadas imagens selecionadas previamente¹⁰ reforçar a etapa final, ou seja, a discussão de conceitos, como gênero, etnocentrismo, orientalismo. Nesta etapa foi levantada a importância da imagem em nossa cultura midiática, e considerada uma produção anterior da década de 60 desta mesma história, promovendo a discussão do que se passava naquele momento histórico, como a Guerra Fria. Os alunos ficaram admirados de ver como um filme que parece referir-se apenas a algo que ocorreu no passado, pode falar muito mais do presente. Também conseguiram fazer várias ligações com a atualidade, por exemplo, a conflitos estadunidenses¹¹.

Os alunos tiveram acesso aos exemplares de “300 de Esparta”, de Frank Miller, que serviu de inspiração para a película. Observamos a *graphic novel*, *closes*, planos gerais, panorâmicas e *travellings*, que estão presentes no gibi e se repetem na tela de cinema. Nesta etapa mostre aos alunos que a elaboração de um filme começa pelo roteiro, decupado em forma de *storybord* semelhante aos quadrinhos.

Aqui foram discutidos todos os temas e/ou conceitos históricos propostos no início deste artigo. (Esta etapa levou uma aula).

8º passo: Discussão do texto “**Por Esparta, pelo Ocidente e pela Coca-cola**”, de Miguel Stedile (Anexo 3.) encerrando nossas atividades sobre o

¹⁰ Estas imagens estão no site www.diadiaeducacao.pr.gov.br

¹¹ Conflitos como: Ações de “Limpeza étnicas” nas guerras civis que marcaram a fragmentação da ex-Yugoslavia. Outros conflitos característicos da conjuntura internacional do pós-guerra: A descolonização da Ásia, as guerras da Coreia e Vietnã e a crise permanente do Oriente Médio. **Travelling** é um tipo de plano cinematográfico em que a câmera move-se sobre um carrinho (ou qualquer suporte móvel) em um eixo horizontal e paralelo ao movimento do objeto filmado. **Storyboard** – Série de desenhos em sequência das principais cenas ou tomadas, semelhantes aos quadrinhos. **Close** – Plano que enfatiza um detalhe. Primeiro plano ou pormenor. Tomando a figura humana como base, este plano enquadra apenas os ombros e a cabeça do ator, tornando nítidas suas expressões faciais. **Graphic novel** – Termo usado para referir-se a qualquer forma de quadrinho de longa duração.

cinema em sala de aula. Com este texto aproximamos mais ainda o cinema produzido em momentos históricos passados com a atualidade.

9º passo: Foi entregue outro questionário com uma atividade de metacoginição, com a seguinte pergunta: “O que mudou na sua concepção após vermos o filme “300” sobre a contribuição do cinema para com o ensino de história?” O objetivo era avaliar se o presente projeto contribuiu de forma satisfatória para pensar o filme como documento didático-histórico. (Esta etapa levou uma aula).

90% dos alunos relacionaram o filme com a história, responderam que o cinema pode ser utilizado como fonte histórica, e como toda fonte deve ser questionada, e ficaram surpresos de terem visto o filme anteriormente, sem relacioná-lo com a história de Gregos e Persas. Outro fato digno de nota para os alunos é como um filme pode ser discutido em vários aspectos, que antes eles nunca levantaram como: produção, direção e relação com a atualidade.

Finalizando, podemos mais uma vez ressaltar a importância do cinema como fonte, ele é também um meio de manter viva a memória e as imagens. Cabe ao historiador em seu trabalho de pesquisa, adotar uma postura de crítica constante e minuciosa do material filmado, confrontando, sempre que possível, as informações retiradas dos filmes com aquelas que os documentos considerados “tradicionais” podem oferecer. Esta é a maneira de controlar as marcas do trabalho humano da subjetividade, enfim, sempre presentes no material fílmico. E consideramos que cabe ao professor, se não uma análise minuciosa, a utilização adaptada ou “didatizada” do filme para dar conta tanto de temas históricos como da finalidade do trabalho pedagógico (MORAN, 1995. p.27-35).

O trabalho foi proveitoso, pois o cinema aproximou os alunos com uma linguagem, velozes e hiperassociativa, que faz parte de seu cotidiano, seu universo midiático, o que possibilita relações entre passado e presente. O uso do cinema em sala de aula otimiza o aprendizado, e viabiliza discussões de temas polêmicos. O tratamento de um filme como documento didático-histórico é primordial para tornar alunos como construtores do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA:

FERRO Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p 199-215

FERRO, Marc. O conhecimento histórico, os filmes, as mídias. **Olho da história**. Revista de história contemporânea, UFBA, n.6, 2004.(disponível em www.olhodahistoria.ufba.br , acessado em: 02/11/2009)

LANGER, Johnni. O cinema e os Bárbaros. **Boletim do laboratório de ensino**. UEL, nº 25,2002.

MORAN. J. M. **O vídeo na sala de aula**. São Paulo: ECA-ED. Moderna, 1995 p.27-35.

NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel**. In PINSKY, Carla Bassani (org.) Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: **O olho da história**: Revista de história contemporânea. Salvador, v.2, n.3.1996.

REDFIELD, James. O homem e a vida doméstica. In VERNANT, Jean-Pierre (org.). **O homem grego**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994 p. 155.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo: Cia das letras, 2007. p 58.

SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: Reflexos sobre o uso e consumo das imagens. In BITENCOURT, CIRCE. (org). **O saber histórico na sala de aula**, 9ª ed., São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**. Um vocabulário crítico. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

STRAUSS, Barry. **A batalha de Salamina**, Rio de Janeiro. Record, 2007. P. 110-135.

SITES

<http://br.librarything.com/author/cartledge/paul>

<http://educacao.uol.com.br/historia>

www.diadiaeducacao.pr.gov.br

www.olhodahistoria.ufba.br

www.wikipedia.org

ANEXOS

ANEXO 1 - Texto: A verdadeira história dos 300 de Sparta / A resistência de Leônidas (PILETTI Nelson, ARRUDA Jose Jobson de A. **Toda a História**. São Paulo: Editora Ática 2003.

ANEXO 2 - Ficha Técnica do filme.

ANEXO 3 - Cinema: Por Esparta, pelo Ocidente e pela coca-cola. (Stedle Miguel) <http://www.brasildefato.com.br/v01/impresso/anteriores/jornal.2007-04-26.4276780103/editoria.2007-05-02.8626629624/materia.2007-05-03.9423901857> acessado em 02/09/2008

Anexo 1

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS 300 DE ESPARTA

PROFESSORA : ANA LUCIA

HISTÓRIA

A famosa batalha de Termópilas que serviu de inspiração para a história em quadrinhos e o filme “Os 300 de Esparta” foi uma das várias batalhas travadas entre gregos e persas durante as chamadas Guerras Médicas. (os persas eram chamados de medos).

UMA VEZ SOB O DOMINIO PERSA...

Os povos conquistados eram obrigados a pagar impostos pesados, a construir estradas e palácios e a fornecer soldados para as tropas do rei persa. O rei da Pérsia, Dário, declara guerra a Atenas e invadi as cidades gregas, dando início a primeira Guerra Médica. Atenas sai vitoriosa da guerra após a **batalha de maratona em 490 a.C.**

A derrota enfraqueceu o império Persa, que só teve condições de enfrentar os gregos novamente em 480 a.C., quando teve início a segunda Guerra Médica. O sucessor de Dario o rei Xerxes ordenou uma nova invasão a Grécia.

COMEÇA A SEGUNDA GUERRA MÉDICA... E A HISTÓRIA QUE INSPIROU O FILME 300.

O expansionismo persa era uma ameaça tanto a independência das cidades-Estado gregas quanto um obstáculo aos interesses dos comerciantes gregos no mar Egeu. O exercito de Xerxes era praticamente uma “legião estrangeira”, era formado por soldados de quase todas as nações conquistadas pelo Império Persa podia ser um exercito numeroso, mas não motivado. As nações conquistadas pelos Persas tinham muitos ressentimentos em relação a eles.

As cidades gregas formaram uma aliança e enviaram pequenos contingentes para lutar contra os Persas. Esparta enviou um grupo de 300 homens liderados pelo rei Leônidas. Esse grupo e contingentes enviados pelas cidades aliadas posicionaram-se na estreita passagem do desfiladeiro das Termópilas (portões de fogo) ,bloqueando o caminho. Leônidas enfrentou um problema de ordem superior para conseguir travar a Batalha das Termópilas, porque os espartanos estavam festejando a Carnéia (que era um festival em honra ao deus Apolo) e durante esses festivais,não se podia entrar em batalhas. Enquanto isso, o resto da Grécia estava no período dos jogos olímpicos que, do mesmo modo que a Carnéia, por motivos religiosos, o impedia de entrar em combate.

Por conta disso, Leônidas teve dificuldade para conseguir guerreiros que estivessem dispostos a lutar, mas sabendo que os Persas não iriam esperar, decidiu seguir apenas com ajuda da sua guarda pessoal de 300 homens. No caminho, conseguiu reunir 7.000 guerreiros de povos e aldeias amigas para enfrentar os invasores de Xerxes.

A RESISTENCIA DE LÊONIDAS

O número de soldados persas era superior ao de soldados liderados por Leônidas, percebendo isso Xerxes enviou mensageiros ao rei Leônidas propondo que os

espartanos e seus aliados se rendessem e entregassem as armas. Segundo a tradição, a mensagem de Xerxes foi: “Rende-te e entrega tuas armas.” A resposta de Leônidas teria sido: “Vem buscá-las”.

Um dos mensageiros de Xerxes teria tentado amedrontar os gregos falando da superioridade numérica dos persas. Esse mensageiro teria dito que havia tantos arqueiros e lanceiros no exército persa que quando eles disparassem suas flechas elas iriam “cobrir o sol”. O capitão do Rei Leônidas responde: “Melhor, nós combateremos a sombra”.

Apesar da desproporção entre os exércitos os espartanos, os espartanos conseguiram repelir os primeiros ataques até que Elfiates, um pastor impedido de guerrear juntamente com Leônidas e seus homens, ressentido se aliou a Xerxes, e lhe mostrou o caminho desconhecido que levaria o exército espartano a Termópilas fazendo com que os persas cercassem os espartanos e os massacrassem.

Leônidas foi decapitado, crucificado e sua cabeça foi empalada. No local do conflito hoje, há uma homenagem a Leônidas com os dizeres: **“DIGAM AOS ESPARTANOS, ESTRANHOS QUE PASSAM, QUE AQUI, OBEDIENTES AS SUAS LEIS, JAZEMOS”**.

Apesar de sair vitorioso das Termópilas, os persas enfraqueceram. A vitória na batalha custou caro para eles. Com a resistência oferecida por Leônidas e seus homens, os gregos ganharam tempo. Os atenienses puderam abandonar sua cidade antes que os invasores chegassem.

Derrotados mais tarde na batalha de Salamina, Xerxes fugiu de volta para Pérsia, onde mais tarde morreu assassinado, e Elfiates também morreu assassinado no ano seguinte.

A principal fonte a respeito da batalha das Termópilas é o relato do historiador grego HERODOTO, que na época da batalha tinha apenas 4 anos de idade... Mesmo assim seu texto é utilizado em vários diálogos que se passam no filme. Como quando a esposa de Leônidas pede que o marido volte “com o escudo ou sob o escudo”. Ou outro momento entre Xerxes e Leônidas .”Voce tem muitos homens mas poucos soldados.”

Fontes: HERODOTO,

Anexo 2

300



título original: (300)

lançamento: 2007 (EUA)

direção: Zack Snyder

atores: Lena Headey , David Wenham , Dominic West , Vincent Regan , Michael Fassbender

duração: 117 min

gênero: Aventura

status: arquivado

ficha técnica:

- **título original:**300
- **gênero:** Aventura
- **duração:** 01 hs 57 min
- **ano de lançamento:**2007
- **site**
oficial:http://www.br.warnerbros.com/300/?frompromo=movies_maintout_300
- **estúdio:** Warner Bros Pictures / Virtual Studios / Legendary Pictures / Hollywood Gang Productions / Atmosphere Entertainment MM
- **distribuidora:** Warner Bros
- **direção:** Zack Snyder
- **roteiro:** Kurt Johnstad, Zach Snyder e Michael Gordon, baseado em graphic novel de Frank Miller e Lynn Varley
- **produção:** Mark Canton, Bernie Goldman, Gianni Nunnari e Jeffrey Silver
- **música:** Tyler Bates
- **fotografia:** Larry Fong
- **direção de arte:**Isabelle Guay, Nicolas Lepage e Jean-Pierre Paquet
- **figurino:** Michael Wilkinson
- **edição:** William Hoy
- **efeitos especiais:** Animal Logic / Lola Visual Effects / Spectral Motion Inc. / Buzz Image Group / Hydraulx / Meteor Studios / Pixel Magic / CA Scanline Production GmbH / Gentle Giant Studios Inc. / Hybride Technologies / Screaming Death Monkey

Sinopse:

O rei Leônidas (Gerard Butler) e seus 300 guerreiros de Esparta lutam até a morte contra o numeroso exército do rei Xerxes (Rodrigo Santoro). O sacrifício e a dedicação destes homens uniram a Grécia no combate contra o inimigo persa.

Elenco:

- Lena Headey (Rainha Gorgo)
- David Wenham (Dilios)
- Dominic West (Theron)
- Vincent Regan (Capitão)
- Michael Fassbender (Stelios)
- Rodrigo Santoro (Xerxes)
- Andrew Tiernan (Ephialtes)
- Andrew Pleavin (Daxos)
- Tim Connolly (Pai de Leônidas)
- Marie-Julie Rivest (Mãe de Leônidas)
- Tyler Max Neitzel (Leônidas - 12 anos)
- Gerard Butler (Rei Leônidas)
- Tyrone Benskin (Emissário persa)

Anexo 3**CINEMA: Por Esparta, pelo Ocidente e pela Coca –Cola**

Miguel Stedle

“Uma nova era esta começando, uma era de liberdade e todos saberão que demos nossos últimos suspiros para defendê-la.” Poderia ser George W. Bush justificando a invasão do Iraque, mas a frase pertence ao personagem Leônidas, no filme 300 de Zach Snyder.

Adaptação de uma história em quadrinhos, 300 é o novo xodó da indústria de Hollywood. Custou apenas 60 milhões de dólares, uma bagatela para os padrões hollywoodianos, e já se pagou apenas com o primeiro mês de exibição. O filme é o primeiro colocado também na bilheteria brasileira. O roteiro baseia-se na Batalha de Termópilas, em 480 a.C., quando 300 soldados enfrentaram um exército de 200 mil persas. Fosse apenas a elegia à liberdade, 300 não se diferenciaria de qualquer filme estadunidense de guerra. “Porém, Snyder transformou a batalha entre espartanos e persas em um duelo entre Ocidente, “terra da liberdade”, e um Oriente, “místico e tirano”, nas palavras dos próprios personagens. Num roteiro carregado de frases de efeitos, não serão poucas as vezes que o espectador ouvirá o rei Leônidas afirmar que seus soldados estão “marchando pela liberdade”, que “homens livres” marcham contra a escravidão.

O filme, porém, não se resume a oposição ao Oriente. Leônidas vai a uma guerra considerada um suicídio por seus patrícios, e a cada momento justifica sua necessidade e sua permanência. Assim como Bush enfrenta a resistência do seu Congresso, Leônidas também tem a rejeição de seu conselho. Uma vez em guerra, tal como os estadunidenses no Iraque, o herói relembra permanentemente “nunca se render, esta é a lei de Esparta.” A mesma idéia é repetida para compensar um pai pela perda do jovem filho em batalha, “a morte no campo de batalha é a glória maior que poderia conseguir em vida, “, declara. Morrer é glorioso, quando se trata de defender a liberdade ocidental.

Seria mera coincidência que a Pérsia corresponde ao atual Irã, alvo anunciado dos próximos ataques estadunidenses? Não à toa, o New York Times comparou Leônidas a Bush e sua defesa da liberdade a qualquer custo. E há ainda quem veja nos super-soldados espartanos metáfora para os marines estadunidenses em menor número no Iraque.

Simple metáfora? Dificilmente. 300 se aproxima mais do panfleto audiovisual e se inscreve numa velha tradição do cinema. A Alemanha nazista descobriu rapidamente o papel do cinema como agitação e propaganda e produziu filmes como o Triunfo da Vontade, de Leni Riefenstahl, em que o Congresso do Partido Nacional-Socialista é filmado com ares épicos. Foi o ministro de propaganda nazista, Goebbels, quem bolou a mesma fórmula usada por 300:

expor os ideais do Terceiro Reich de forma indireta, através de personagens e situações exemplares. As vésperas da queda do governo nazista, a Alemanha filmava Kolberg, utilizando a resistência alemã contra Napoleão como motivadora para a ofensiva dos países aliados.

Mas os estadunidenses também perceberam muito rápido o potencial do cinema como veículo de propaganda. A representação persa em 300 não em nada para a forma como os japoneses eram representados em Hollywood na década de 1940, nem os espartanos de Snyder fazem feio frente aos Boinas verdes, de John Wayne, em plena Guerra do Vietnã . E em breve, os cinemas exibirão a volta do herói da guerra fria, Rambo, em seu quarto filme, ressuscitado tal como Rocky, para defender mais uma vez a pátria estadunidense.

Loucura, diz um persa no início de 300 e ouve a resposta, “Loucura, não. É Esparta”.

Não, não é. Isso é Washington.